

GAZETA MERCANTIL



Durval Guimarães*

DF - Brasília

Quando os bichos falavam

O manto escuro do esquecimento recaiu sobre Israel Pinheiro e outros edificadores de Brasília

Atendo ao telefone e, do outro lado, uma doce voz feminina indaga se eu concordo em falar com sua avó, uma dama de 99 anos de idade. Explica que a senhora desejava se manifestar a respeito do artigo, publicado na semana passada e assinado por este jornalista, no qual tratava da honradez dos homens públicos mineiros do passado. Era, como o leitor imagina, uma crônica sobre coisas pretéritas, do tempo em que os animais falavam.

Hoje, diferentemente, estamos aqui em Minas diante de uma cena política dominada por aqueles parlamentares que transformaram nossa Assembleia Legislativa em uma verdadeira caverna de Ali Babá, onde saqueavam salários a partir de R\$ 90 mil mensais. Gente de todas as agremiações, incluindo os do partido da moral ilibada.

Citei no texto, como um exemplo daqueles homens cada vez mais escassos, a figura quase esquecida de Israel Pinheiro da Silva, o engenheiro que comandou a monumental aventura que foi a construção de Brasília. Encerrada a obra, ele volta do Planalto Central provavelmente mais pobre do que se encontrava no dia em que aceitou a desumana tarefa, em honra do amigo e companheiro, o presidente Juscelino Kubitschek. Senhor daquele ermo, longe de todas as fiscalizações, o gerente da aparente babel teria se tornado milionário, caso as suas convicções morais se mostrassem menos sólidas que as obras perpetuadas naquela solidão.

Volto ao telefone e do outro lado da linha a dama se identifica. Era dona Coraci Pinheiro, a ilustre primeira-dama que

tanto honrou o Palácio da Liberdade e os mineiros. Com a fineza de sempre, agradecia as referências elogiosas ao seu falecido marido, o construtor da capital brasileira e, mais tarde, ex-governador dos mineiros.

Ela fala, com enorme saudade, das repetidas e emocionantes surpresas que foi viver ao lado de um engenheiro inquieto, semeador de gigantescas obras públicas pelo estado. Confessa sua perplexidade com o desprendimento com bens materiais, por parte daquele homem distraído dos compromissos com o sustento da família. Por último, com discreta mágoa, dona Coraci queixa-se do manto escuro do esquecimento que recaiu sobre ele e todos os outros edificadores de Brasília. Tentou construir um memorial em honra do marido, mas o arquiteto Niemeyer cobrou muito caro pelo projeto.

Estava este jornalista diante da recorrente ingratidão dos homens. Lembrei-me, então, de dois episódios, tão extraordinariamente citados pelo padre Vieira, em seu magnífico Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma. No primeiro, comenta: "Se alguém serviu à pátria que lhe foi ingrata, fez o que devia; ela, o que costuma (fazer)". Mais adiante, pede aos esquecidos que se consolem com Catão, o grande varão romano que não teve estátua no Capitólio. Vinham os estrangeiros a Roma, viam as estátuas e perguntavam pela de Catão. Essa pergunta era a maior estátua de todas. Aos outros, pôs-lhe estátua o Senado; a Catão, o mundo.

* Secretário de Redação da sucursal da Gazeta Mercantil em Belo Horizonte.